

O PATHOS DE NIETZSCHE

"NIETZSCHE ET LE CERCLE VICIEUX"

PIERRE KLOSSOWSKI — Mercure de France, 1969

O discurso de Nietzsche é uma concessão. O fato de N. dirigir-se a seus contemporâneos, falar-lhes através de seus livros, polemizar com eles — não é mais que uma expressão secundária de uma doutrina formada (e expressa) num plano anterior à linguagem cotidiana. A própria pessoa de N. é um meio secundário, prático: o importante é a disposição do pathos que (se) escuta. O pensamento, enquanto atividade "racional", centrada na identidade de um cérebro, não é mais que a camada superficial do que sustém a retomada da revelação recebida pela sensibilidade dispersa e fortalecida — enquanto disposição — pelo "estado valetudinário".

"Les fragments posthumes de Nietzsche nous le montre réfléchissant le substrat de son pathos — substrat toujours mouvant. Mais face à face avec lui-même sa prospection ne prétend pas maîtriser ce qui s'y meut: il cherche au contraire à se conformer à la mouvance souterraine; car nul n'a choisi de naître tel quel. Ce qui a choisi reste en dehors de quiconque — "en dehors" que l'on désigne par fatum." (p. 359)

Por trás de quem escuta a revelação do Eterno Retorno, e escutando de forma mais primária, está a consciência dividida pela Loucura. Mas esta divisão tem um caráter de desmistificação interna: liberta a verdade dos impulsos, única realidade. E o saber-se uma reunião de impulsos liberta a consciência para a sua anulação: a inconsciência. Os impulsos destroem a identidade e o caminho está livre: o pensamento — (vida) enquanto OCASIÃO para o advento do pathos que (se) expressa. Mas não é propriamente o pathos que (se) expressa: "la pensée des pensées" se expressa no pathos.

Haveria talvez paralelismo entre a destruição da identidade e o progresso da revelação se não houvesse a tentativa de expressão pela linguagem. O "código de signos cotidianos" pode funcionar como um boomerang: mas quando volta, volta contaminado pela Incompreensão. E para que N. com-

preenda esta incompreensão, ou para que dela tome conhecimento, é preciso que faça um esforço e torne a ser êle, é preciso que atrase a destruição da identidade. E assim êle se equilibra mais tempo na linha divisória entre a consciência e a loucura, ou seja, perde contato com a origem. Mas eis que o pathos retorna e com êle a revelação: o processo se repete até que a consciência recua definitivamente diante do terrível da expressão do pathos: "tout revient". A identidade quebra-se na pluralidade dos impulsos, não mais existe o homem. Apenas o pathos assume a expressão: revelação e receptividade se confundem, a linguagem emudece. Não houve paralelismo entre a destruição da identidade e o progresso da revelação: a diferença entre os dois foi a tensão em que viveu N., enquanto a linguagem o forçou a ser humano.

O diálogo com N. é impossível. A aproximação do seu pathos é possível se soubermos reconhecer os caminhos e os limites da expressão, e também se não acreditarmos demasiadamente na expressão. Tôdas as tentativas para ouvir N. foram frustadas porque N. frustou-se ao falar. Se pudermos ouvir o pathos, sobretudo depois de Turim, quando caíram as barreiras, ou compreenderemos ou saberemos que não podemos compreender, que não podemos sequer ouvir. Ainda.

Franklin Leopoldo e Silva